Identidades e representações nos sistemas midiáticos (in)formativos: a charge e a construção da imagem do Outro[1]

Eliane de Oliveira[2]
Renata de Paula dos Santos[3]
Rosane da Silva Borges[4]

1 Trabalho, com alterações, apresentado no IV Seminário Internacional Media, Jornalismo e Democracia - Homenagem a Nelson Traquina, realizado entre 6 e 7 de dezembro de 2012, em Lisboa (PT).

2 Graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Mestranda em Comunicação pela mesma instituição. eliane1701@gmail.com.

3 Graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Mestranda em Comunicação pela mesma instituição. Bolsista da CAPES. renatapstos@hotmail.com.

4 Professora doutora do departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual de Londrina (UEL), coordenadora do projeto de pesquisa "Visualidades jornalísticas: imagem, espaço e design no jogo das representações sociais", coordenadora do NEAA (Núcleo de Estudos Afro-Asiáticos) rosanedasb@uol.com.br.

Resumo

Este artigo tem como objetivo refletir sobre o papel das visualidades no processo de construção e reconstrução das identidades fluidas que nos habitam. Trata-se, portanto, de um artigo que enfrenta o desafio de pôr em relevo algumas nuances da produção e reprodução das identidades, tomando por base charges informativas, e de escandir tópicos relacionados ao processo das identificações que deriva de um imaginário que projeta representações. Tais discussões são oriundas de estudos empreendidos com pesquisadoras do mestrado em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Entre os autores que norteiam a pesquisa, destacam-se, no campo da charge, L. Teixeira (2005) e, nas questões da identidade e representação, D. Kellner (2001), S. Moscovici (2003), R. Stam com E. Shohat (2005) e S. Hall (1997; 2001).

Palavras-chave

Identidades, representações, discurso, charge, alteridade.

Abstract

This article aims to reflect on the role of visualities in the process of construction and reconstruction of fluid identities that inhabit us. It is, therefore, a paper which faces the challenge of bringing out some nuances of the production and reproduction of identities, based on informative cartoons, and the challenge of listing topics related to the process of identification that outcomes from the imaginary realm representation projections. Such matters are undertaken by researchers at the Master Programme in Communication of the State University of Londrina, Brazil. Amongst the authors which theoretically guide the research we point out Teixeira (2005), in the field study of cartoons, and D. Kellner (2001), S. Moscovici (2003), E. Shohat and R. Stam (2005) and S. Hall (1997, 2001) regarding identity and representation issues.

Keywords

Identity, representation, discourse, charge, alterity.

Desde o século XIX é possível encontrar charges nos jornais e, atualmente, conforme Beltrão (apud Romualdo 2000), o texto humorístico encontrado nas charges é indispensável aos órgãos de imprensa de largo público. A charge não é somente um desenho que ilustra a notícia. É um texto crítico, com traços humorísticos, que atrai a atenção do leitor e promove a reflexão sobre as temáticas problematizadas na imagem. A ironia, o humor e a sátira são recursos estilísticos que possibilitam ao leitor uma leitura crítica.

Identificado por L. Teixeira (2005) como um "editorial às avessas", o formato tem o papel de refletir sobre os assuntos de relevância da grande mídia. Os traços hiperbólicos e as piadas ambíguas organizam os argumentos frequentemente de oposição. A charge tem, portanto, o papel político de promover a crítica e o escárnio sobre as situações e personalidades representadas.

Neste artigo, utilizamos duas charges do sul-africano Zapiro e duas do francês Plantu para analisar como o texto chárgico expõe as contingências de sua época e trabalha com temáticas delicadas de maneira crítica, exigindo do leitor uma postura ativa, contando com sua inteligência e criticidade para a compreensão dos significados. Como método para condução da pesquisa, trabalhamos com a análise do discurso chárgico. L. Teixeira (2005) destaca-se entre os autores que norteiam a discussão da charge. Já no campo da representação e da identidade, apresentam-se D. Kellner (2001), S. Moscovici (2003), R. Stam e E. Shohat (2005) e S. Hall (1997; 2001). Entre os resultados preliminares apontamos a charge como um texto jornalístico, com argumentos políticos mais demarcados que os outros formatos.

Identidades e Projeções: bases de construção discursiva

A contemporaneidade é marcada por um conjunto de alterações espaciais e tecnológicas que modificam profundamente o modo como o homem se relaciona consigo mesmo e com o mundo que o circunda. A vida nas metrópoles modernas é caracterizada por mudanças constantes e cada vez mais por

apelos, estímulos e sensações, principalmente visuais, que seduzem, assustam e desestabilizam. Neste contexto, a identidade que era tomada como algo fixo e imutável no Iluminismo passa a ser vista como flexível, fluida, sujeita a mudanças e condicionamentos. Os papéis sociais não são claros e definidos como anteriormente, estão em um processo contínuo de redefinição. Assim, as representações adquirem importância como aspecto norteador, e não determinante, no processo de construção das identidades. Woodward (2000) argumenta que a construção da identidade é tanto simbólica quanto social. Mais que isso, para ela as identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais são apresentadas.

Para S. Hall (2001) na medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma quantidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. A identidade não é definida no nascimento como se acreditava e, sim, num processo contínuo, numa disputa dinâmica entre uma identidade simbólica que é atribuída pelas representações e uma social que é construída pelas vivências do individuo. Embora as representações não encerrem o processo de construção identitária, elas fornecem aspectos tanto de projeção quanto de identificação, são um modo de se situar no caos e no excesso de informações e possibilidades que a atualidade oferece.

Woodward (2000) afirma que as identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, explica o autor, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença – a simbólica e a social – são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de sistemas classificatórios. Um sistema classificatório aplica um princípio de diferença a uma população de uma forma tal que seja capaz de dividi-la em ao menos dois grupos opostos – nós/eles, eu/outro. Para I. Bystrina (1995) este tipo de estrutura binária é

claramente assimétrica. O polo marcado ou sinalizado negativamente é percebido ou sentido muito mais fortemente do que o polo positivo. As estruturas binárias são classificatórias e hierarquizantes. A construção dos discursos reforça e fundamenta esta estrutura como se ela fosse natural.

A dependência de um oposto para a constituição de uma identidade aponta para relações ambivalentes. Woodward (2000) afirma que fixar uma determinada identidade como norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger, de modo arbitrário, uma identidade específica como parâmetro em relação ao qual outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar é atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa (Woodward, 2000, p.83). Esta norma simbólica é construída por vários aspectos e posta em circulação em diferentes âmbitos: econômicos, políticos, culturais, e reforçada sobremaneira pelos meios de comunicação de massa.

As representações veiculadas pela mídia estruturam o cotidiano, apresentam modelos de identificação e de projeção, confirmam e reforçam tipos de comportamento, mas também podem oferecer alternativas às representações dominantes. Como veremos, a charge usa humor e ironia para apresentar situações contraditórias ou incoerentes e suscitar questionamentos no leitor, constituindo-se como espaço de crítica à ordem hegemônica.

Representações sociais e construções de sentido

A temática mídia e representações do Outro afigura-se como um nexo importante para pensarmos, em termos de imaginário, uma questão que envolve distinções acerca do certo ou errado, melhor ou pior, belo e feio, normal e desviante, adequado e inadequado, próprio e impróprio, fornecendo a todos

nós padrões com os quais constituímos nossos horizontes identitários, *ideais culturais* de ser e de bem-estar no mundo.

As formas de emoldurar o Outro, de fundi-lo em figuras restritas, é prática recorrente nos sistemas midiáticos que se nutrem, em grande medida, do discurso imagético. A gramática de produção desses sistemas homogeneíza signos dispersos no tecido social, adequando-os às máquinas tecnológicas de produção de sentido da contemporaneidade. Desse primado, tem-se que os suportes comunicacionais, especialmente aqueles fundados na imagem, precisam ser adequados a alguns códigos que se querem universais, facilmente reconhecíveis por plateias amplificadas (de leitores, ouvintes, telespectadores e, mais recentemente, de internautas). O código produz e regula a convenção que tem por efeito último orientar as escolhas e "gostos" da assistência.

Sob esse ponto de vista, a padronização e fixação dos enunciados midiáticos em categorias predeterminadas é um empreendimento pragmaticamente necessário, cujo resultado possibilita a formatação dos programas em modalidades relativamente estáveis, capazes de favorecer a "decodificação". Forma-se uma rede emaranhada de temas visuais produzidos pelos gestores das mídias e captados pelo público, demandando a criação de sistemas de orientações, expectativas e convenções que circulam entre a indústria, os sujeitos espectadores e o texto.

Nessa busca pela receptividade compreensiva da maioria do público, pela sedimentação de um quadro comum de referências, a mídia institui padrões operacionais: falas e sotaques, vestimentas, modelos de beleza, procedência geográfica sublinham balizas que conduzem a modos específicos de escrever, filmar e fotografar, ou seja, de mostrar ou ocultar, acabando, em última instância, de forma arbitrária e excludente, por sintetizar o *universal* do homem. Tanto no Brasil quanto em outros países, os sistemas informativos demarcam e diferenciam o que é relatado/mostrado, estabelecendo sempre modelos e estilos de vida a serem seguidos.

Há um repertório acumulado que nos faz associar e compreender os discursos. Senão vejamos: rostos escondidos, nomes omitidos, identidades ocultas? São os fugitivos, os exilados, os sem-lugar. Imagens borradas, falas arrevezadas? É o terceiro mundo: a América Latina, os fundamentalistas, os albaneses, os terrivelmente outros. Só reconhecemos tais imagens neste viés porque a articulação que elas ensejam induz a um modo de funcionamento e estruturação dos discursos que demarcam e diferenciam. Essa demarcação e diferenciação é reapropriada constantemente, refundida naquilo que responde à demanda da instalação da continuidade (do código reconhecível).

Tudo isso respinga nas formas de conceber o Outro, criando tradição que se enraíza nos nossos modos de avaliar, aceder, aprovar, reprovar códigos de conduta e formas de apresentação (estética e, às vezes, moral). Com as informações advindas dos tentáculos midiáticos, esculpimos o outro, traço por traço:

> A estética negativa do estrangeiro lastreia sempre os julgamentos na prática do Gesichtskontrolle (controle de rostos), ou seja, a decisão cotidiana sobre quem pode entrar em clubes, boates, restaurantes de luxo ou mesmo ser aceito para seguros de automóveis. O nome da prática é alemão, mas sua incidência é transnacional (SODRÉ, 1999, p.33).

Se, entretanto, é inequívoca a necessidade de os textos midiáticos serem enquadrados em categorias prévias, se é absolutamente indispensável a instituição de formatos para acomodarem e filtrarem a variabilidade infinita dos enunciados imagéticos, não menos essencial é ter-se presente que esta gramática de produção acaba por instalar, a um só tempo, linhas divisórias que constituem o estatuto do Outro, o fora de padrão. Estabelece-se um recorte ontológico. Existem regras que definem o coletivamente comum e, portanto, aceitável, o modelo do dever-ser.

Ora, se nos informamos e formamos em grande parte pelo que é emitido pelos sistemas midiáticos, o que podemos depreender dos discursos sobre o

negro e a mulher negra, veiculados por programas televisivos e radiofônicos, peças e anúncios publicitários, jornais impressos e eletrônicos, novelas e congêneres? Mesmo olhando superficialmente para a paisagem midiática brasileira podemos observar um trajeto, pontilhado por estigmas e estereótipos, que parece se estender indefinidamente. As malhas verbovisuais que compõem a cena intersemiótica posicionam sujeitos e temas nos espaços de representação de modo a fixá-los em categorias predeterminadas.

R. Stam avalia as imagens da mídia como mantenedoras de uma concepção colonialista e eurocêntrica que não cessou de fornecer os elementos para a representação dos grupos historicamente discriminados. D. Kellner (2001), assim como R. Stam, reconhece que a mídia veicula e reforça os discursos dominantes, porém entende que esse é um espaço de disputa:

> Afirmamos que a cultura da mídia é um terreno de disputa no qual grupos sociais importantes e ideologias políticas rivais lutam pelo domínio, e que os indivíduos vivenciam essas lutas por meio de imagens, discursos, mitos e espetáculos veiculados pela mídia (KELLNER, 2001, p. 10-11).

D. Kellner (2001) acredita que o público pode resistir aos significados e mensagens dominantes, criar sua própria leitura e seu próprio modo de apropriar-se da cultura de massa usando a sua cultura como recurso para fortalecer-se e inventar significados, identidade e forma de vida próprios. Além disso, a própria mídia dá recursos que os indivíduos podem acatar ou rejeitar na formação de sua identidade em oposição aos modelos dominantes. Assim, a cultura veiculada pela mídia induz os indivíduos a conformar-se à organização vigente da sociedade, mas também lhes oferece recursos que podem fortalecê-los na oposição a essa mesma identidade.

A representação e o Discurso Chárgico

A charge é um texto jornalístico estruturado no humor. O formato se destina a refletir sobre os fatos políticos relevantes e de grande repercussão por meio de um repertório notoriamente opinativo. A partir de correlações paradigmáticas e sintagmáticas, o chargista constrói seu modo de ver o mundo, fundamentado em um repertório de conhecimento público – permeado por personagens e fatos reais. Cabe à charge refletir, por meio do traço, sobre as situações e os problemas sociais.

Estruturalmente, a charge tem na caricatura a presença de elementos para expressão direta de sua crítica. Os traços hiperbólicos, marcados por um exagero intencional, são os responsáveis pela deformação simbólica. No entanto, o excesso proposital não impede que o leitor reconheça ou identifique a personagem representada. A argumentação chárgica apresenta-se, então, como um processo que deriva de marcações ideológicas bem estabelecidas: é o humor que permite ao chargista refletir ou refratar a realidade. Para o semioticista Umberto Eco, o humor é uma forma de transgressão.

Ao pensar a charge, assim como outras plataformas comunicacionais, nos deparamos com a problemática da representação e com condicionamentos mentais socialmente construídos. A este respeito, Serge Moscovici (2003) é categórico ao considerar que:

> Eu quero dizer que elas [representações sociais] são impostas sobre nós, transmitidas e são o produto de uma seqüência completa de elaborações e mudanças que ocorrem no decurso do tempo e são o resultado de sucessivas gerações. Todos os sistemas de classificação, todas as imagens e todas as descrições que circulam dentro de uma sociedade, mesmo as descrições científicas, implicam um elo de prévios sistemas e imagens, uma estratificação na memória coletiva e uma reprodução na linguagem que, invariavelmente, reflete um conhecimento anterior e que quebra as amarras da informação presente (Moscovici, 2003, p.37).

Em meio ao discurso jornalístico hegemonicamente orientado, a charge se destaca muitas vezes como um formato de oposição. O seu discurso é uma alternativa para interpretar, sob outro ponto de vista, a atuação da classe dominante. A charge pode se portar como um meio de resistência à naturalização dos esteriótipos. Destaca-se que as representações são construções sociais tão bem definidas que parecem naturais. Moscovici (2003) afirma que nenhuma mente está livre da influência de condicionamentos anteriores, impostos pelas representações, pela linguagem e pela cultura. Por mais que possamos encontrar visões de mundo bastante antagônicas no seio da sociedade, é importante ter em mente que as representações nunca são individuais. No entanto, após criadas, as representações adquirem um status próprio. A partir do compartilhamento e da força da tradição, a origem das representações vão sendo deixadas de lado, o que inicia um processo naturalizado desta forma de ler o mundo.

A identidade é, como já foi dito, marcada pela diferença. Só é possível determinar quem é o sujeito a partir das características que não lhe pertencem. Nesta relação, de ser brasileiro por não ser argentino, a linguagem e os sistemas simbólicos são indispensáveis para que a representação ganhe sentido. As identidades são mecanismos simbólicos, mas também sociais. Neste caso, a formação de oposições (diferenças) serve para o estabelecimento e a demarcação das fronteiras. (WOODWARD, 2000).

No caso específico da charge, o artista parte da semelhança para chegar à diferença. Ou seja, por meio de artifícios gráficos que nos permitem reconhecer a personalidade representada, ele lança um discurso que o representado gostaria de manter oculto. A ideia de identidade pela diferença, proposta em Teixeira (2005), prevê que o traço gráfico cria um personagem distinto do sujeito real que está representado. Mas é justamente a diferença que estabelece uma relação entre o real e o representado. Segundo o autor, na charge ocorre uma transferência do personagem para o sujeito: a agressividade dos argumentos é proposta na representação (personagem), mas almeja atingir o real e sua função pública.

> Como charge se designa, então, um traço que produz um personagem diferente do sujeito, tendo como objetivo marcar, através dessa diferença, sua identidade recíproca e essencial.
>
> A identidade do sujeito, portanto, é produto da fissura no real e da ruptura com a razão, possibilitando a construção de um personagem marcado por uma diferença em relação ao sujeito, que torna transparente e verdadeiro, o que, antes, permanecia oculto. Essa relação de diferença entre os dois, além do real e fora da razão, identifica com veracidade – mas sem verossimilhança – um com o outro e um no outro.
>
> Como charge se designa, finalmente, um discurso que emerge de uma ruptura com uma determinada situação real e que produz – através de um personagem diferente do sujeito – uma identidade entre eles, tornando visível, através do sentido, uma verdade que a razão oculta. A diferença produz sentido. (Teixeira, 2005, p. 76-77).

Nesta perspectiva, é possível compreender a charge como um formato de representação dual. Ainda que os traços se refiram a um sujeito real, a maneira como o personagem é apresentado por meio do traço é diferente. O traço hiperbólico traz a essa representação um grau de diferença maior. Uma outra (nova) representação para a mesma identidade.

No que tange à questão da identidade, a charge também trabalha com relações paradoxais. Ao apresentar o personagem em sua posição oficial – identidade pública, condição frequentemente destacada – o formato reforça o discurso vigente. Mas, em contrapartida, a crítica política e a quebra de expectativa propõem o nascimento de uma outra identidade, a face oculta. É por esse motivo que grande parte dos textos chárgicos são engraçados, o humor traz a unidade necessária entre as representações paradoxais. Para exemplificar o que foi discutido até aqui, iremos considerar o trabalho dos chargistas Jonathan Shapiro e de Plantu. Por meio da análise do discurso chárgico e apontando os referenciais até aqui apresentados, buscaremos apresentar os argumentos dos chargistas em contextos históricos de grande relevância.

A política sul-africana no traço de Zapiro

O chargista sul-africano Jonathan Shapiro, mais conhecido como Zapiro, intensificou suas críticas aos representantes políticos do país no final da década de 1990, quando Thabo Mbeki sucedeu Nelson Mandela na presidência do país. A África do Sul é um país com um histórico político altamente particular: entre os anos de 1948 e 1994 a nação foi governada pelo regime de segregação, conhecido como *apartheid.* A política racial marcou a submissão da população negra à minoria branca.[5]

A figura 1, *The evolution and devolution of democracy* (2010), utiliza o paradigma da Teoria da Evolução de Charles Darwin para analisar os últimos chefes de Estado do país. Na imagem, apenas Mandela é representado como humano, os políticos anteriores e posteriores ao líder negro (1994-1999) foram representados com traços animalescos.

Figura 1: *The evolution and devolution of democracy*, Zapiro, 2010.

5 O fim do *apartheid* é marcado pela vitória de Nelson Mandela no primeiro pleito multirracial do país. O líder, primeiro negro a governar a nação, permaneceu como chefe do Executivo entre os aos de 1994 e 1999. Mandela deixou o cargo sem tentar a reeleição.

A animalização das personagens alude às características negativas dos políticos representados; como se a charge tivesse a possibilidade de atestar e tornar público os defeitos íntimos daqueles que compõem o discurso. A crítica está no campo simbólico, mas por sua ação jornalística pode ganhar força na materialidade. Zapiro revela aspectos negativos do *apartheid* – regime implantado pela elite branca sul-africana - por meio de seu argumento. A charge muitas vezes se revela como meio inaugural de um novo discurso.

No caso da figura 2, *The rape of justice* (2008), também de Zapiro, a crítica se posiciona em várias vertentes. A principal diz respeito à acusação de estupro sofrida pelo então candidato à presidência da república, Jacob Zuma, em 2006. O líder *zulu* foi inocentado do crime no mesmo ano. No entanto, o fato ganhou visibilidade no país e também no exterior e ainda é uma temática recorrente nos trabalhos de Zapiro. Mais do que representar políticos como personalidades ambíguas ou acusadas de corrupção, o chargista estruturou assuntos de relevância social a partir de um caso específico.

A jovem que acusou Zuma é portadora do vírus da AIDS e o presidente anunciou publicamente que não utilizou preservativo e a África do Sul e o país que concentra o maior número de portadores da doença no mundo.

Figura 2 : *The rape of justice,* Zapiro, 2008.

Tanto na figura 1, quanto na 2, percebemos a presença de argumentos diferenciados dos trabalhados em outros formatos jornalísticos. Os exemplos acima são pontos para indicar que a charge utiliza outras formas de representar. O chargista não se furtou em quebrar, simbolicamente, a supremacia dos poderosos representados.

A charge se difere dos outros textos políticos, já que a opinião do autor é diretamente expressa. Nas duas figuras podemos perceber as críticas do emissor aos presidentes anteriores e posteriores a Nelson Mandela. Para o líder negro, no entanto, destaca-se uma perspectiva positiva dos seus esforços para o fim do *apartheid*. O trabalho de Zapiro se concentra na reflexão frequente sobre os rumos políticos do país.

A imigração na França pelas charges de Plantu

Nascido em Paris, em 1951, Jean Plantureux ficaria conhecido como Plantu, a partir de 1972, quando teve seu primeiro desenho publicado no jornal *Le Monde*. Esse trabalho sobre a guerra do Vietnã demarcou seu compromisso com a crítica social e com questões contemporâneas proeminentes, entre as quais a imigração. Seu país é o segundo do mundo em solicitações de asilo e tem a maior população muçulmana de toda Europa, aproximadamente 12% dos habitantes. Logo, falar de imigração na França é um assunto delicado e isso pode ser comprovado pela frequência com que o tema chega até nós por meio dos noticiários, pela importância e espaço que o assunto adquire às vésperas de eleições e pela quantidade de leis propostas ou em vigência referentes à questão. O país tem discutido, nos últimos anos, alterações na lei de imigração e o tema tem gerado desavenças e desconforto não apenas entre os políticos, mas na população em geral. Um exemplo da complexidade que o tema carrega pode ser encontrado nas charges de Plantu, tanto pelas características de cada charge como pela permanência temática. A charge trabalha com a atualidade e a recorrência de traços que privilegiam a questão imigratória confirmam a

constância do tema nas discussões da sociedade francesa. A escolha das charges com um intervalo de quase três décadas é um exemplo.

Figura 3 : *L'immigré exhibitionniste*, Plantu, 1979.

Na Figura 3, temos a representação do encontro do imigrante com a fiscalização policial. Na charge, ironicamente nomeada *O imigrante exibicionista,* o policial observa atentamente os documentos portados pelo imigrante. Enquanto policial é apresentado com pele clara e nariz proeminente, características tidas como tipicamente francesas, o imigrante tem cabelos encaracolados, nariz pequeno, lábios carnudos e pele mais escura. Ainda que seja observado com atenção, o imigrante tem uma expressão tranquila, provavelmente por portar todos os documentos exigidos à sua permanência legal na França. Entre os documentos oficiais, realmente necessários, o chargista inclui outros criados por ele como a autorização para respirar. A ironia é um dos traços marcantes da charge.

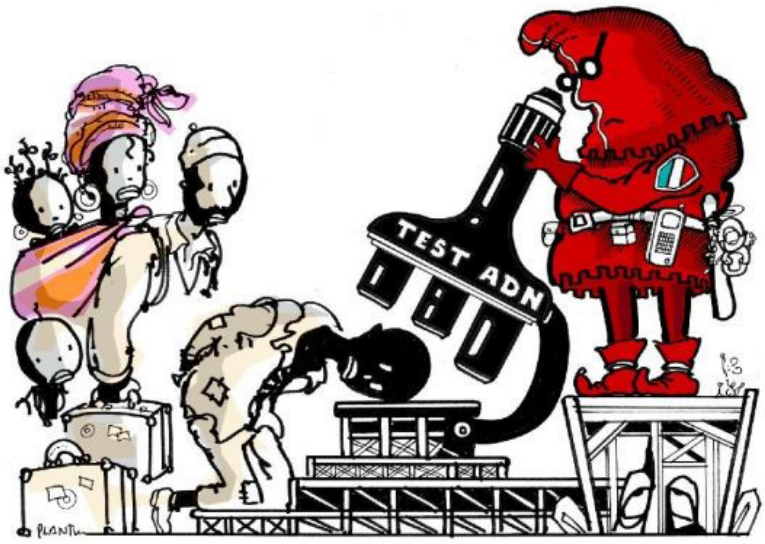

Figura 4 : *Regroupement familial*, Plantu, 2007.

Na figura 4, Plantu trabalha com um projeto de lei que propõe a realização de testes de DNA para que a permissão de reagrupamento familiar seja concedida. A possibilidade do exame estava presente dentro de um longo projeto de lei que buscava alterar os procedimentos imigratórios. Apresentado ao senado francês em 2007, foi retirado em 2009 devido às polêmicas suscitadas. Na charge temos uma família com características africanas a observar com perplexidade um de seus membros se submeter ao teste. O jovem se ajoelha diante de uma espécie de microscópio gigante colocado sobre um prédio que faz alusão ao edifício do senado francês. O aparelho é comandado por um funcionário do estado francês, visto que sua roupa exibe um brasão com as cores da república, porém seu uniforme faz menção à vestimenta característica da Ku Klux Kan, organização racista norte-americana.

Com vimos nesses exemplos a charge se configura como espaço crítico para as representações dominantes. Por meio de humor e ironia ela trabalha com questões contemporâneas relevantes à sociedade de forma contestatória.

Considerações Finais

A charge, como todo texto imagético, inicialmente se apresenta como um texto de fácil assimilação; como se em um simples olhar fosse possível absorver todas suas nuances e complexidades. Ao logo deste artigo, porém, podemos perceber que ela não é somente um desenho que acompanha um texto jornalístico para ilustrá-lo. A charge possui recursos estilísticos próprios, trabalha com humor, ironia, sátira, não para distrair o leitor, mas para levá-lo a reflexões que excedem o senso comum. A imagem seduz o leitor, a ironia trabalha com sua inteligência e criticidade, ao passo que o humor desconstrói e desvia a ordem habitual, apresenta o contraditório, a incoerência. A charge pelo seu humor estrutural e pela criticidade dos seus argumentos pode se configurar como um formato jornalístico composto por outras formas de representação. Como podemos perceber nos exemplos utilizados para o desenvolvimento dessa reflexão (África do Sul e França), os chargistas apresentaram uma interpretação contestatória.

D. Kellner (2001) aponta que é o entretenimento e a ficção que articulam conflitos, temores, esperanças e sonhos de indivíduos e grupos que enfrentam um mundo turbulento e incerto. As lutas concretas de cada sociedade são postas em cena nos textos da mídia, especialmente na mídia comercial da indústria cultural cujos textos devem repercutir as preocupações do povo se quiserem ser populares e lucrativos. A cultura nunca foi mais importante, e nunca antes tivemos tanta necessidade de um exame sério e minucioso da cultura contemporânea.

Referências

BARTHES, R. *O prazer do texto*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BYSTRINA, I. *Tópicos da Semiótica da Cultura*. (Pré Print). São Paulo: CISC-PUC São Paulo, 1995.

CHAUÍ, M. *Cultura e democracia:* o discurso competente e outras falas. 4ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 1989.

CHEMIN, A.; EECKHOUT, L. V. *Des tests génétiques pour le regroupement familial.* Disponível em: http://www.lemonde.fr/societe/article/2007/09/13/des-tests-genetiques-pour-le-regroupement-familial_954621_3224.html. Acessado em: 01 out. 2012.

DAMASCENO, J. "O corpo do outro: construções raciais e imagens de controle do corpo feminino negro". *Fazendo Gênero 8, Corpo, Violência e Poder*. Florianópolis, de 25 a 28 de agosto de 2008.

DAVIS, A.; DENT, G. "A prisão como fronteira: uma conversa sobre gênero, globalização e punição". *Revista de Estudos Feministas.* Florianópolis, v. 11, n. 2, dez. 2003.

GILLIAM, A.; GILLIAM, O. "Negociando a subjetividade da mulata no Brasil". *Revista de Estudos Feministas*, v. 3, n.2, 1995, p. 525.

GILMAN, S. "Black bodies, white bodies: toward an iconography of female sexuality in late nineteenth century art, medicine, and literature". In: Gates, H. L. (org.). *Race, writing, and difference.* Chicago: The University of Chicago Press, 1985.

GOMES, M. R. *Comunicação e identificação*: ressonâncias no jornalismo. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008.

GONZALEZ, L. "Mulher negra". *Revista Afrodiáspora*, v. 3, n. 67. São Paulo: Ipeadro, 1983a.

GOULD, S. J. *O sorriso do flamingo*: reflexões sobre história natural. São Paulo: Martins Fontes, 1990. pp.271-83.

HALL, S. (org). *Representation:* cultural representations and signifying practices. Londres: The Open University, 1997. pp. 225-290.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade.* Trad. Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 6ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

KELLNER, D. *A cultura da mídia – estudos culturais*: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Trad. Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

MOSCOVICI, S. *Representações sociais:* investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003.

ORLANDI, E. (org.). *Discurso fundador:* a formação do país e a construção da identidade nacional. São Paulo: Pontes, 1993.

PEREIRA, E. A. *Ardis da imagem*. Minas Gerais: Mazza Edições, 2001.

ROMUALDO, E. C. *Charge jornalística*: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de S. Paulo. Maringá: Eduem, 2000.

SILVA, T. T. "A produção social da identidade e da diferença". In: SILVA, T. T. (org.). *Identidade e diferença*: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SODRÉ, M. *A verdade seduzida*: por um conceito de cultura no Brasil. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

STAM, R.; SHOHAT, E. Crítica da imagem eurocêntrica. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

TEIXEIRA, L. G. S. *Sentidos do humor, trapaças da razão:* a charge. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2005.

TÜRCKE, C. *Sociedade excitada:* filosofia da sensação. São Paulo: Editora Unicamp, 2010.

WALKER, A. *Prisoners of image:* ethnic and gender stereotypes. Nova York: Alternative Museum, 1989.

WISS, R. L. "Remembering Saartje Baartman". *The Australian Journal of Antropology*. 1994, 5 (1-2) pp.11-40.

submetido em: 02 mar. 2013 | aprovado em: 8 abr. 2013